



A inclusão produtiva da juventude rural:

QUEM SÃO E COMO PENSAM OS JOVENS RURAIS DO SEMIÁRIDO NORDESTINO

raízes
■■■■ da via



Apresentação

Este relatório apresenta os principais resultados da pesquisa "Quem são e como pensam os jovens rurais do Semiárido Nordestino", iniciativa da TLISA com execução técnica da Cátedra de Inclusão Produtiva Rural (Cebrap Sustentabilidade), desenvolvida com o propósito de ampliar o conhecimento sobre as trajetórias, percepções, expectativas e desafios vivenciados pelas juventudes rurais da região.

A Transnordestina Logística S.A. (TLISA) integra o Grupo CSN e conduz a construção de uma ferrovia de carga que conectará três estados do Nordeste, contribuindo para a transformação da realidade econômica e social dos territórios por onde passa. Nesse contexto, a pesquisa integra a estratégia da companhia de promover o desenvolvimento sustentável de sua área de influência por meio da geração de conhecimento qualificado sobre os desafios e potencialidades locais.

A realização desta pesquisa está alinhada à visão do Grupo CSN de contribuir para a transformação e o desenvolvimento sustentável dos territórios onde atua. A

iniciativa faz parte do programa Raízes da Via, coordenado pela CSN Inova e Fundação CSN, voltado à inclusão produtiva rural, uma das macroestratégias adotadas pelo Grupo. Por meio do fortalecimento de capacidades, da ampliação de oportunidades e da construção de soluções aderentes às especificidades regionais, o programa busca impulsionar o desenvolvimento territorial de forma sustentável e inovadora. Nesse sentido, o estudo contribui para a compreensão dos fatores que influenciam os projetos de vida dos jovens rurais e para o aprimoramento de estratégias voltadas à inclusão produtiva, à permanência no território e à ampliação de oportunidades no Semiárido piauiense.

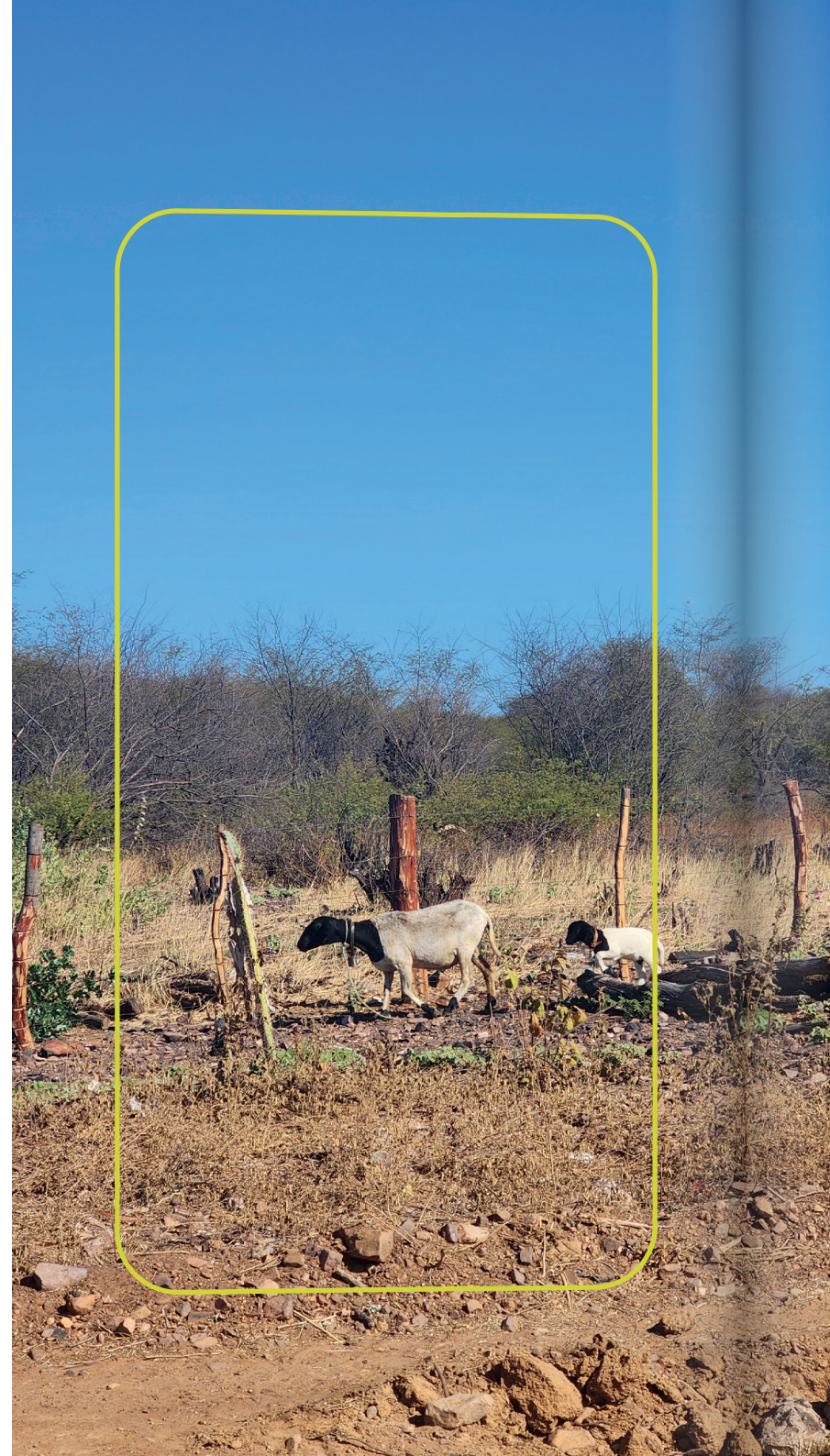
As análises aqui apresentadas são enriquecidas por dados produzidos em parceria entre a Cátedra de Inclusão Produtiva Rural (Cebrap Sustentabilidade), a Secretaria da Agricultura Familiar do Estado do Piauí (SAF), o Instituto Federal do Piauí (IFPI) e a Secretaria de Estado da Educação do Piauí (SEDUC). A integração dessas diferentes bases de conhecimento permite uma leitura mais abrangente da realidade das juventudes rurais e dos desafios relacionados à permanência no território, educação, trabalho e perspectivas de futuro.

Sumário

- 3 Introdução
- 6 O que mudou nas trajetórias das juventudes rurais?
- 9 Diferentes territórios, diferentes oportunidades
- 12 Trajetórias juvenis: entre permanências, deslocamentos e restrições
- 16 Os principais bloqueios à inclusão produtiva das juventudes rurais
- 19 Diretrizes estratégicas para inclusão produtiva das juventudes rurais
- 24 Nota metodológica
- 24 Agradecimentos
- 25 Referências bibliográficas
- 26 Expediente

Introdução

O mundo rural tem experimentado profundas transformações ao longo das últimas décadas: maior acesso a serviços, infraestrutura e políticas públicas, resultando em um esmaecimento das fronteiras entre rural e urbano. Tais mudanças alteram não só a paisagem, como também a relação da população residente com o lugar. Isso afeta de maneira decisiva a forma como a juventude vivencia e projeta seu futuro de vida e de trabalho (Favareto; Valencia; Favareto, 2024).



Essas mudanças, contudo, não se traduziram diretamente em ampliação de possibilidades concretas de inclusão produtiva para a juventude rural. Persistem barreiras importantes como oportunidades limitadas de trabalho e de mobilidade social, mercados pouco diversificados para a produção de famílias de agricultores, desigualdades territoriais e precariedade de acesso a tecnologias e a bens e serviços públicos.

Se, por um lado, sucessão da chefia dos estabelecimentos agropecuários permeia todo o debate presente na literatura sobre juventude rural, especialmente no que se refere aos condicionantes postos para a tomada de decisão em assumir ou não a gestão da terra de seus pais (Brumer, 2007; Castro, 2005;

Carneiro, 2007); de outro, esse novo contexto permite questionar em que medida as mudanças mencionadas têm alterado as expectativas e as trajetórias dessas/desses jovens.



Esta pesquisa apresenta uma síntese de um conjunto de dados – quantitativos e qualitativos – que permitem compreender as expectativas atuais da juventude frente às transformações recentes vividas pelos espaços rurais. Ao final, são apresentadas algumas diretrizes estratégicas especificamente direcionadas à inclusão produtiva das juventudes rurais, dirigidas tanto à literatura especializadas sobre este tema, atualizando algumas das ideias ainda hoje predominantes nesse campo, como também, e principalmente, para a definição de políticas públicas e de estratégias da iniciativa privada direcionadas à essa categoria.

Mensagens principais

- **Jovens rurais estudam mais que as gerações anteriores:** a universalização do ensino básico e a ampliação/interiorização do ensino

técnico e superior ampliaram as oportunidades de acesso à educação;

- **Mulheres apresentam maiores níveis de escolarização:** confirmando uma tendência observada em pesquisas anteriores, as jovens estudam por mais tempo e são maioria em níveis mais elevados de escolarização, porém ainda são majoritariamente responsabilizadas pelas tarefas domésticas e de cuidado;
- **Trabalho e renda seguem marcados pela precariedade:** o mercado de trabalho para as juventudes permanece, em geral, restrito, pouco diversificado e, frequentemente, incapaz de absorver jovens com níveis mais elevados de escolaridade. O trabalho na agricultura é vislumbrado como penoso e pouco valorizado;

- **Conectividade física tornou-se parte central das trajetórias juvenis:** seja para viabilizar a continuidade dos estudos para além do ensino básico ou para o aproveitamento de oportunidades de trabalho, locomover-se de um território a outro é fundamental para as juventudes;
- **O território influencia fortemente as oportunidades disponíveis para a inserção produtiva:** essas oportunidades não se distribuem de forma homogênea e são condicionadas por características locais como infraestrutura, mobilidade e capacidades institucionais para conectar os jovens às oportunidades existentes;
- **As redes de sociabilidade locais são fundamentais no suporte financeiro e de afeto:** essas redes envolvem relações de parentesco ou outros laços de proximidade;

- **Baixo acesso às políticas públicas:** instrumentos como crédito, assistência técnica e fomento produtivo apresentam baixa incidência entre os jovens, seja por dificuldades de acesso ou por desconhecimento. Os avanços geracionais observados estão mais associados às políticas de proteção social e ampliação de direitos do que às políticas produtivas voltadas ao meio rural.



O que mudou nas trajetórias das juventudes rurais?

Escolaridade

O acesso à educação em seus três níveis – fundamental, médio e superior – representa uma das grandes transformações observadas no mundo rural. Entre a realização dos dois Censos Agropecuários em 2006 e 2016 já se observava uma tendência de aumento da escolaridade na juventude rural que vai se confirmando ao longo da última década. Os dados indicam, ainda, uma diferenciação relevante nas trajetórias educacionais por gênero, com maior presença de mulheres nos níveis mais elevados de escolarização, especialmente no ensino superior.

37%
Ensino médio completo

27%
Cursando ensino superior

22%
Ensino médio incompleto

5%

Ensino fundamental completo

4%

Superior completo

3%

Ensino fundamental incompleto

1%

Cursando pós-graduação

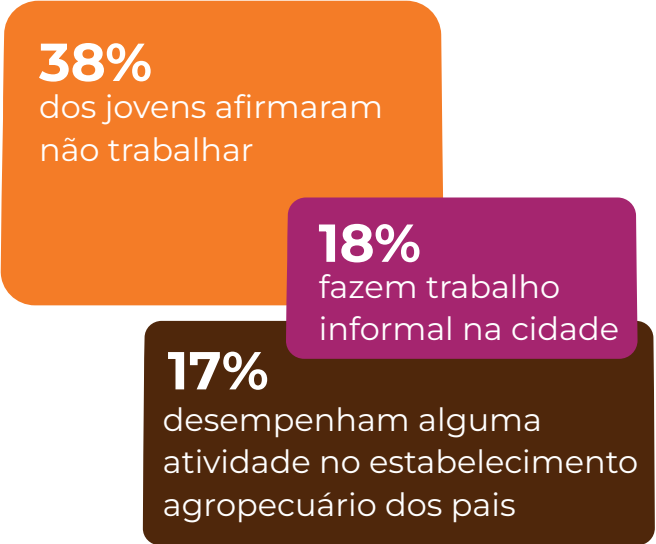
Fonte: Dados da pesquisa quantitativa com jovens rurais no Piauí, 2025.

A análise das condições de acesso à educação revela um padrão dual. Por um lado, há evidências de ampliação do acesso escolar, indicando a presença de equipamentos educacionais e a inserção dos jovens no sistema de ensino. Por outro, persistem restrições importantes, especialmente relacionadas à localização das escolas, à necessidade de deslocamento e à dependência de meios de transporte. Essa realidade não representa problemas para os jovens que cursam até o Ensino Médio, já que as prefeituras disponibilizam o transporte, mas ao galgar níveis mais elevados de escolarização os jovens têm que se organizar com transporte particular, comumente utilizando veículo próprio ou organizando caronas. Essas condições impactam diretamente a experiência educacional dos jovens, introduzindo custos adicionais de tempo, esforço e

recursos, que não se distribuem de maneira homogênea entre os indivíduos.

Trabalho, inclusão produtiva e sucessão rural

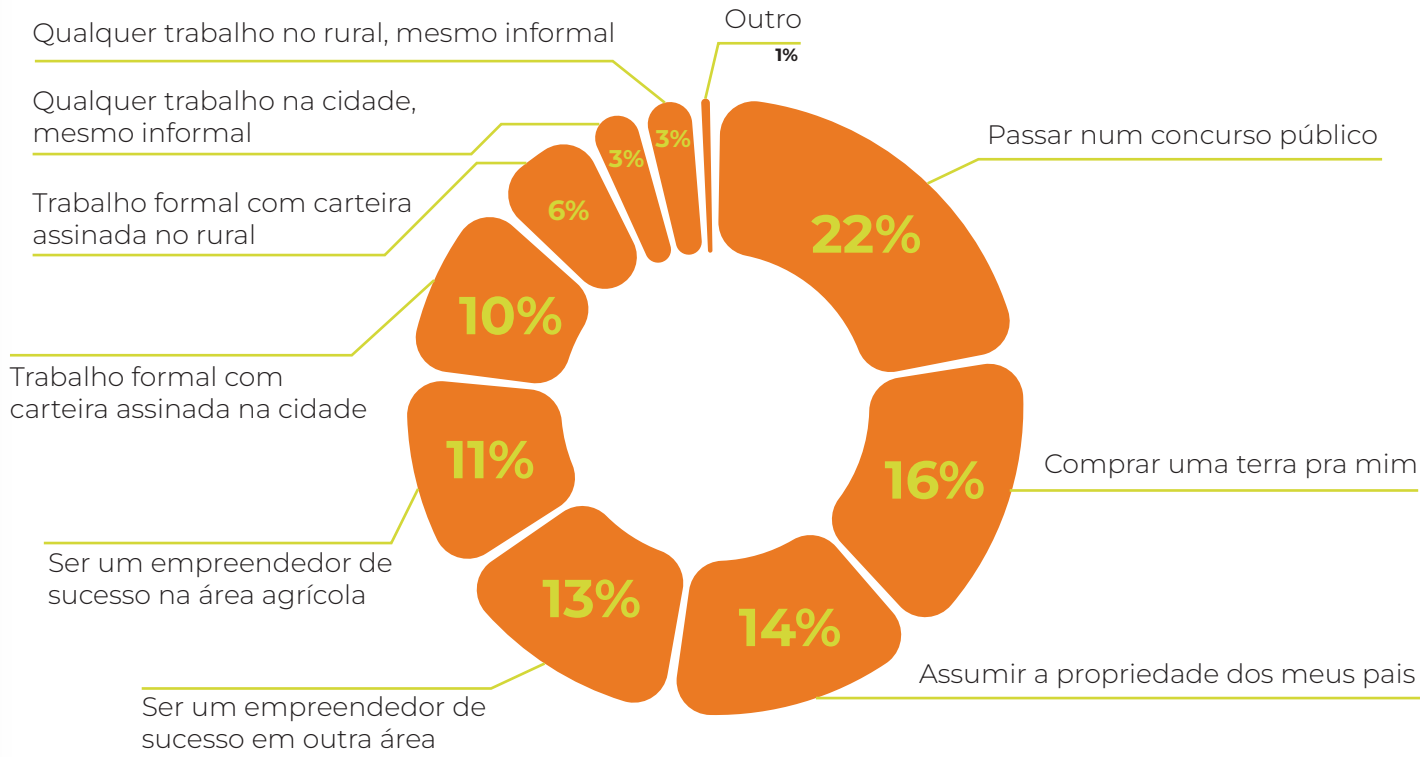
Compreender a relação que a juventude estabelece com o trabalho na atualidade é fundamental para o desenvolvimento de ações e projetos que tenham como objetivo sua inclusão produtiva rural.



Dentre as tarefas realizadas, plantar, colher e cuidar dos animais foram as atividades mais citadas que disseram possuir uma boa relação com os pais ao apresentarem algum tipo de inovação para o interior das propriedades.

Embora esses dados de forma isolada indiquem um terreno fértil para se pensar em ações e projetos de inclusão produtiva rural no interior dos estabelecimentos agropecuários, é preciso considerar outras questões que contribuem para a compreensão da mentalidade da juventude na contemporaneidade como, por exemplo, a expectativa futura de trabalho, que se apresenta relacionada, majoritariamente, à estabilidade oferecida por um concurso público.

Expectativas de trabalho futuro



Fonte: Dados da pesquisa quantitativa com jovens rurais no Piauí, 2025.

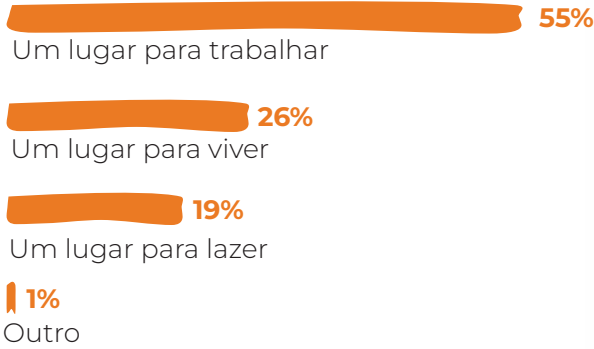
A análise destes dados reflete certa ambiguidade sobre como os jovens pensam a continuidade do trabalho agropecuário. Tal imprecisão pode ser creditada a uma incerteza relacionada à gestão da terra de seus pais no futuro, já que 46% dos entrevistados afirmaram nunca ter conversado com seus pais sobre o tema da sucessão, denotando que não existe um planejamento familiar direcionado para a continuidade das atividades desempenhadas nos estabelecimentos. Contudo, 24% afirmaram que eles próprios assumirão as propriedades.

Mobilidade e percepções sobre rural e urbano

Outro tema importante é a percepção dos jovens sobre o mundo rural e sua relação com as cidades. A cidade é vista

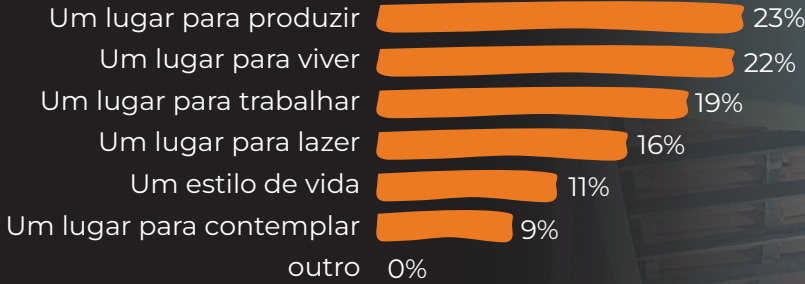
majoritariamente como um lugar para trabalhar, enquanto o rural é um lugar para produzir e viver. Os jovens se deslocam para as cidades para frequentar o comércio local e para acessar serviços públicos, enquanto os laços com amigos e parentes, e a tranquilidade das comunidades são os principais motivos de apego das juventudes com as áreas rurais, que precisariam ser deixadas em busca de oportunidades de trabalho e renda em outras localidades.

Como os jovens definem cidade



Fonte: Dados da pesquisa quantitativa com jovens rurais no Piauí, 2025.

Como os jovens definem rural



Fonte: Dados da pesquisa quantitativa com jovens rurais no Piauí, 2025.

Os resultados indicam que o principal desafio para as juventudes rurais já não é apenas o acesso à educação e aos direitos básicos, mas a criação de condições que permitam converter esses avanços em oportunidades concretas de trabalho, renda e realização de projetos de vida. Sem esse passo, amplia-se a distância entre as expectativas construídas pelos jovens e as oportunidades efetivamente disponíveis nos territórios.



Diferentes territórios, diferentes oportunidades

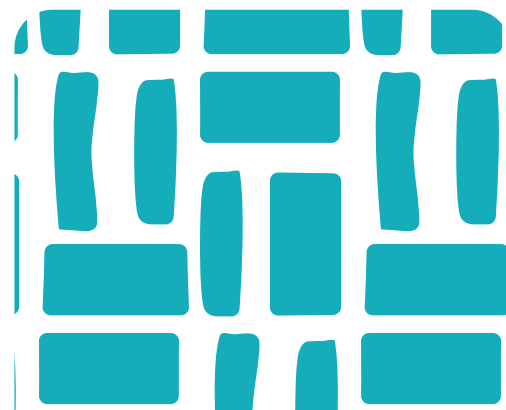
As possibilidades de inclusão produtiva das juventudes rurais são fortemente condicionadas pelas características econômicas, institucionais e de infraestruturas dos territórios em que vivem. Essa heterogeneidade dos espaços rurais brasileiros pode ser melhor compreendida a partir da descrição de **quatro tipos de territórios descritos a seguir.** ➔

■ Territórios de base produtiva rural consolidada

Esses territórios caracterizam-se por uma base rural socialmente relevante e ancorada na agricultura familiar, mas também atravessada por vetores emergentes de transformação, como por exemplo a ampliação da oferta educacional. Nesse contexto, as oportunidades para as juventudes rurais permanecem fortemente vinculadas à reprodução das atividades agropecuárias, ao mesmo tempo em que passam a incorporar novas possibilidades associadas às dinâmicas recentes de desenvolvimento. Tais oportunidades, contudo, distribuem-se de forma desigual e dependem da articulação entre recursos locais, políticas públicas e processos territoriais mais amplos, condicionando as perspectivas de permanência e autonomia dos jovens.

Territórios de centralidade regional

Territórios com centralidade regional concentram serviços, infraestruturas e funções econômicas que ampliam as oportunidades de inserção produtiva das juventudes, especialmente nos setores de comércio, serviços, cultura, pesquisa e turismo, além de sua atuação como polos de articulação de circuitos agropecuários, sobretudo no que se refere à comercialização. Essa diversificação tende a ampliar os horizontes ocupacionais dos jovens, mas também intensifica a demanda por recursos naturais estratégicos, como terra e água, tornando-os mais escassos e disputados. Como resultado, as trajetórias juvenis são moldadas por uma combinação de dinamismo econômico e persistência de desigualdades sociais e ambientais, refletindo as tensões entre desenvolvimento territorial, reprodução social e sustentabilidade dos recursos naturais.



Territórios de integração econômica

Configura-se como um território marcado pela coexistência entre uma base produtiva rural e processos recentes de integração econômica associados à expansão de infraestruturas e à inserção em circuitos produtivos de maior escala. Esses processos introduzem novas dinâmicas territoriais, ampliam fluxos de circulação e criam possibilidades de diversificação econômica que extrapolam as atividades tradicionalmente presentes no território. No entanto, seus efeitos sobre a geração de oportunidades locais permanecem limitados e desiguais, uma vez que a integração a redes econômicas mais amplas não se traduz automaticamente em inclusão produtiva, dinamização das economias locais ou redução das desigualdades existentes. Nesse contexto, as trajetórias juvenis são

moldadas pela articulação entre permanências estruturais, acesso a políticas públicas e oportunidades associadas às novas conexões econômicas do território, distribuídas de forma heterogênea entre grupos sociais e espaços locais.

Territórios de baixa autonomia

Configura-se por reduzida escala demográfica, limitada diversificação econômica e forte dependência de transferências governamentais. Nesse contexto, as oportunidades disponíveis às juventudes concentram-se em atividades agropecuárias tradicionais, ocupações de baixa complexidade produtiva e circuitos locais de serviços, frequentemente insuficientes para absorver suas aspirações educacionais e profissionais. A oferta restrita de ensino técnico e superior e a

reduzida diversidade de mercado de trabalho tornam a locomoção para municípios vizinhos um elemento central das trajetórias juvenis, seja para acesso à educação, seja para inserção ocupacional. Ao mesmo tempo, fragilidades de infraestrutura, especialmente no acesso à água e ao saneamento, limitam as condições de vida e reforçam vulnerabilidades já presentes no território. Como resultado, as trajetórias juvenis tendem a se estruturar em torno de estratégias de adaptação e circulação, nas quais a busca por oportunidades fora do município convive com fortes vínculos locais e familiares.

A inclusão produtiva das juventudes rurais depende não apenas da existência de oportunidades, mas da capacidade de articulação entre educação, conectividade física, infraestrutura, mercados de trabalho e acesso às políticas públicas.



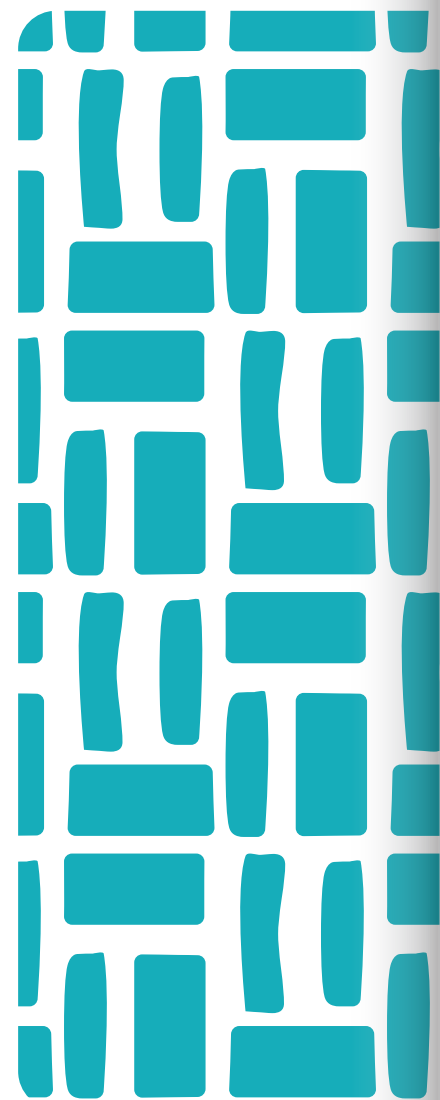
Trajetórias juvenis: entre permanências, deslocamentos e restrições

As trajetórias dos jovens rurais não se organizam de forma linear, resultam da combinação entre transformações recentes no meio rural e as condições concretas de acesso a oportunidades. Longe de constituírem um grupo homogêneo, esses jovens constroem seus percursos a partir de diferentes articulações entre educação, trabalho, território e redes de sociabilidade, o que se expressa em formas distintas de inclusão — ou de bloqueio — na vida produtiva.



Nesse processo, a família ocupa um papel central como instância de mediação das trajetórias, atuando simultaneamente como suporte e como limite. Se, por um lado, oferecem apoio material e simbólico, viabilizando a permanência na escola, o acesso ao transporte ou a continuidade em momentos de incerteza; por outro, impõe condicionantes relacionados à necessidade de contribuição para a renda doméstica, à permanência nas áreas rurais e à responsabilização pelas tarefas de cuidado. Desse modo, a construção da autonomia juvenil não se dá em oposição à família, mas em permanente negociação com ela, tensionando expectativas intergeracionais e possibilidades concretas de escolha.

Nesse contexto, o estudo permitiu identificar três padrões principais de trajetória:



1. Trajetórias em estruturação

Marcadas pela valorização da educação como principal estratégia de mobilidade social, essas trajetórias refletem a ampliação das oportunidades educacionais em relação às gerações anteriores. No entanto, a escolarização nem sempre se traduz em inclusão produtiva, em razão da limitada articulação entre os percursos formativos e as oportunidades de trabalho disponíveis nos territórios. Nesse cenário, o meio urbano é percebido como espaço de ampliação de oportunidades, enquanto o rural permanece associado ao pertencimento e aos vínculos familiares, fazendo da locomoção entre esses espaços uma estratégia recorrente para a construção dos projetos de vida juvenis.

Vozes da juventude

Uma coisa que não sai da nossa mente é conhecimento. A gente pode passar tempos e tempos, mas ninguém tira da gente. Eles [meus pais] falaram que não queriam que nós seguissemos os erros deles, eles queriam que nós sempre evoluíssemos mais, queriam nos dar a oportunidade que eles não tiveram [de estudar]." (Entrevista 10)

O meu pai... o que ele mais preza assim é sobre estudo, tipo que é uma coisa que ele fala que não teve... ele fala que é pra mim aproveitar a oportunidade, porque o que eu tô tendo hoje ele não teve." (Entrevista 17)

Muitas vezes eles terminam os estudos, não acham na área que eles estudaram. É raro mesmo quando eles conseguem." (Entrevista 5)

Passei muito tempo desempregada... é melhor [trabalhar em outra área] do que não ter experiência nenhuma." (Entrevista 2)

2. Trajetórias bloqueadas

Evidenciam de forma mais direta os limites estruturais à inclusão produtiva dos jovens. Nesses casos, a centralidade do trabalho está associada à necessidade imediata de geração de renda e à busca por autonomia, mas esbarra na escassez de oportunidades locais, tanto no trabalho agrícola, frequentemente percebido como pouco atrativo, quanto em ocupações urbanas, marcadas por exigências de qualificação e oferta restrita de vagas. Há, portanto, um padrão recorrente de frustração nas tentativas de inserção produtiva. Nessas situações, a locomoção assume um caráter mais reativo do que estratégico, sendo acionada como resposta à ausência de alternativas no território. Ao mesmo tempo, as políticas públicas são pouco percebidas como capazes de alterar significativamente esse quadro.

Vozes da juventude

"É difícil a pessoa sair daqui pra estudar, pra você ter pai ou mãe que sustente... pra gente arranjar um emprego e estudar é mais difícil." (Entrevista 9)

"O jovem da zona rural para estudar tem desafio assim muito grande... Todo dia tem ônibus de manhã que é 10 R\$ 12 a passagem... a volta para casa já é outro desafio." (Entrevista 3)

"Muitos novos aqui saem, abandonam as escolas para ir trabalhar, porque querendo ou não... a pessoa acaba indo porque quer algo melhor para a gente. Aqui realmente não tem nada, aqui é só roça mesmo... não tem nenhum tipo de emprego aqui. Minhas irmãs tá lá em São Paulo, tipo se tivesse emprego nunca iria pra lá, não teria ido pra lá." (Entrevista 6)

"Qual é o ponto de vista que a gente tem? Que para a pessoa se dar bem que tem que sair para fora, né?" (Entrevista 14)

3. Trajetórias restringidas

Revelam situações em que os percursos educacionais e profissionais são interrompidos ou descontinuados em função de restrições materiais, responsabilidades familiares e demandas de cuidado. Nesses casos, as desigualdades de gênero assumem maior centralidade, ainda que nem sempre sejam explicitamente reconhecidas pelos próprios jovens. A necessidade de assumir funções de cuidado, especialmente em contextos de maternidade, impõe limites concretos à continuidade dos estudos, à inserção produtiva e à construção de projetos de autonomia econômica. Como resultado, essas trajetórias tendem a apresentar menor mobilidade social, maiores dificuldades de retomada dos percursos educacionais e profissionais e uma concentração mais acentuada em atividades informais ou de baixa remuneração, reforçando ciclos de vulnerabilidade já presentes nos territórios.

Vozes da juventude

"Depois que eu tive ela, não teve como eu pensar em estudos, né? Porque eu tive uma filha... ela nasceu com um problema... então eu comecei a cuidar dela e aí não teve como eu ter parado assim para pensar em estudo, mas sim devido isso. O pessoal do interior também eles não entendem. 'Ah, mas já teve filho, por que que vai estudar? Tem que cuidar dos filhos', entendeu? Tem aquele falatório." (Entrevista 13)

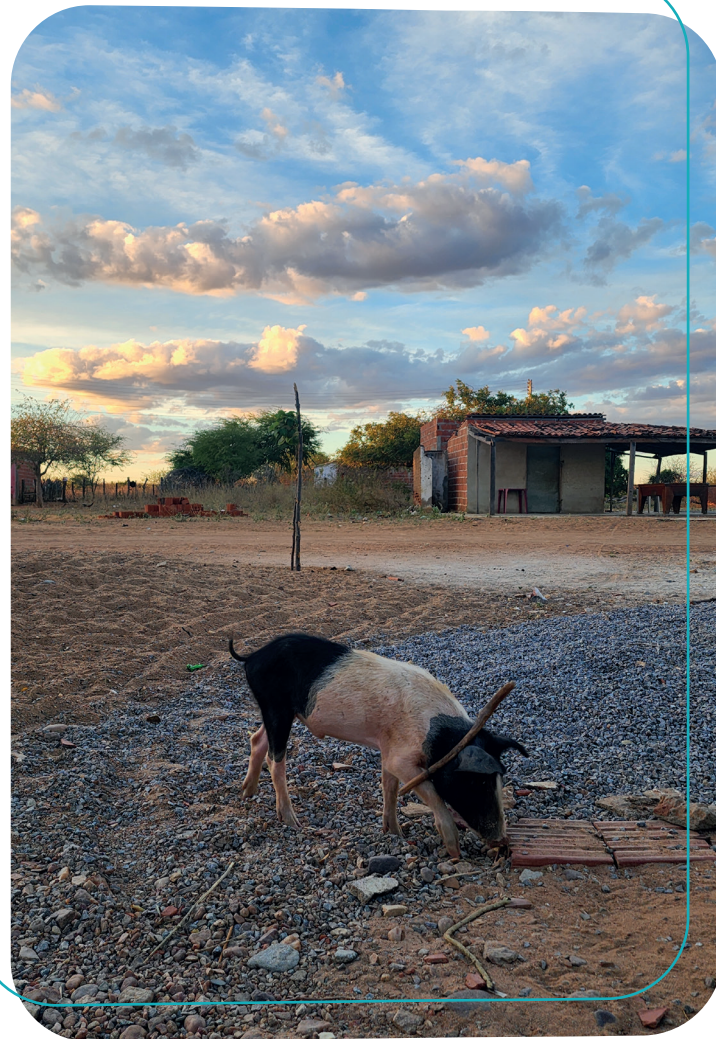
"Eu desisti [da faculdade] porque no ano era caro demais... eles começaram a aumentar minha mensalidade... Eu ainda tinha que fazer um aluguel aqui. Eu assim, na hora desse jeito não dá certo." (Entrevista 15)



As trajetórias das
juventudes rurais
são marcadas por
negociações
permanentes entre
expectativas de
autonomia,
limitações
territoriais e
condições concretas
de acesso ao
trabalho, à
educação e à
locomoção.

Os principais bloqueios à inclusão produtiva das juventudes rurais

A análise integrada das tipologias territoriais, dos dados quantitativos e das evidências qualitativas permitem identificar que os obstáculos à inserção produtiva dos jovens rurais não se distribuem de forma homogênea, nem podem ser atribuídos a um único fator. Ao contrário, esses bloqueios emergem da articulação entre condições estruturais territorialmente situadas, trajetórias individuais e mediações sociais, configurando um conjunto de restrições que operam de maneira combinada.



Descompasso entre expansão educacional e inclusão produtiva

A escolarização, embora valorizada, não garante acesso ao mercado de trabalho. Esse descompasso sugere a existência de um desalinhamento entre os percursos formativos disponíveis e as oportunidades efetivamente acessíveis, especialmente em contextos com baixa diversificação econômica. Esse bloqueio se manifesta de forma diferenciada nos distintos tipos de território. Em áreas com maior centralidade regional ou que estejam inseridas em infraestruturas importantes, a ampliação do acesso à educação contribui para a construção de trajetórias em estruturação, mas não elimina a dificuldade de inserção em ocupações qualificadas. Já em territórios de baixa autonomia e maior restrição

estrutural, a limitação de oportunidades locais tende a intensificar esse descompasso, contribuindo para a reprodução de trajetórias bloqueadas, nas quais o acesso ao primeiro emprego se configura como principal gargalo.

Condições de acesso e permanência em níveis mais elevados de educação

A dependência de transporte, especialmente para o acesso ao ensino técnico e superior, introduz custos econômicos, temporais e organizacionais que afetam de forma desigual os jovens, limitando a continuidade dos estudos ou condicionando sua realização à capacidade de deslocamento cotidiano. Embora a expansão da oferta educacional tenha ampliado o acesso à escolarização, persistem obstáculos relacionados à

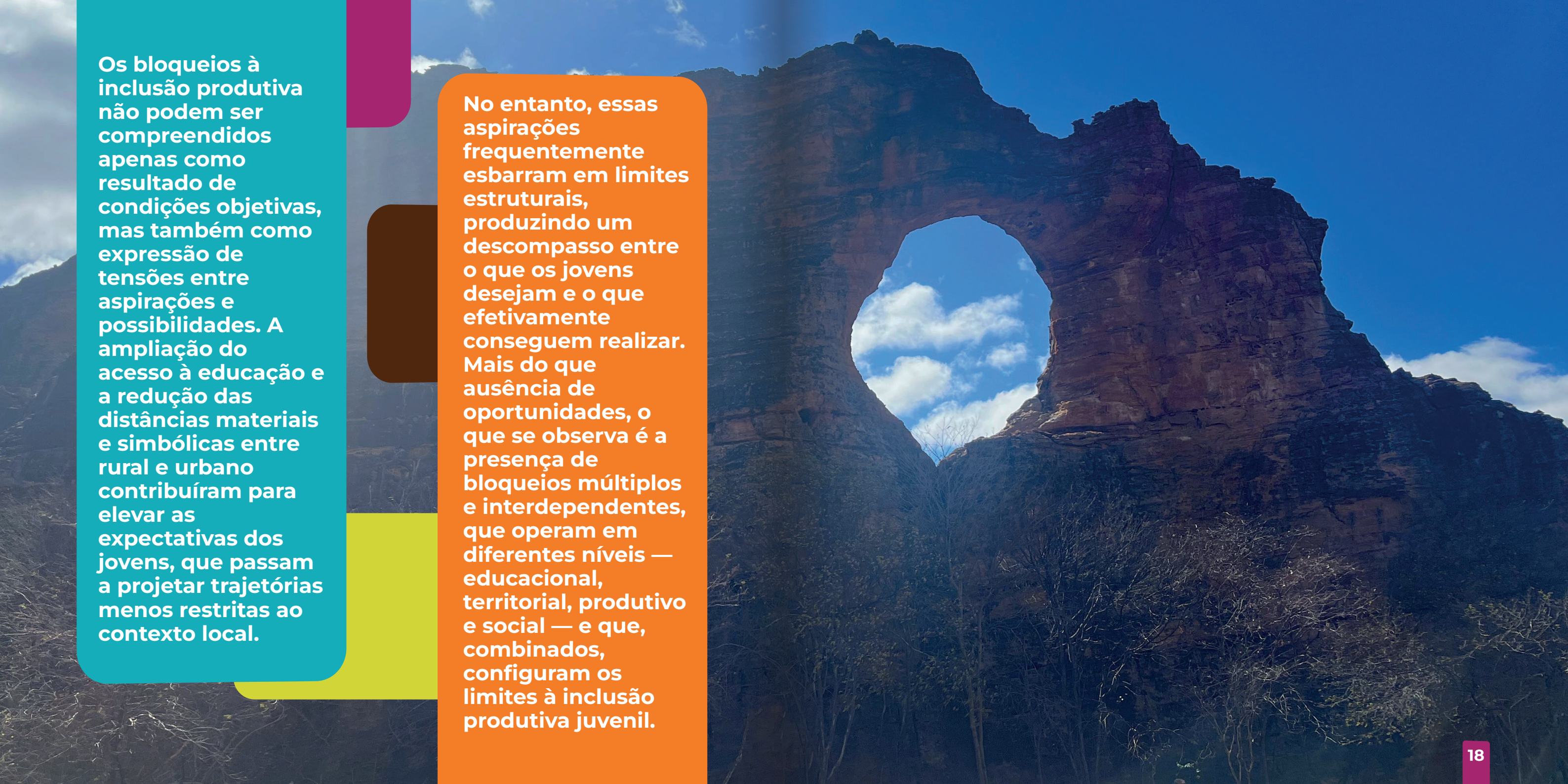
distância entre os locais de moradia e as instituições de ensino, à disponibilidade e regularidade do transporte e às condições de infraestrutura dos territórios. Esses desafios são particularmente relevantes em municípios com menor oferta de serviços, onde a necessidade de deslocamento para centros vizinhos se torna parte integrante das trajetórias educacionais. Como resultado, o acesso aos níveis mais elevados de ensino não depende apenas da existência de vagas, mas também das condições concretas de permanência, incluindo tempo, recursos financeiros e suporte familiar para sustentar os deslocamentos. Assim, ainda que a educação seja amplamente valorizada pelas juventudes rurais, seu pleno acesso permanece condicionado por desigualdades territoriais que afetam diretamente as possibilidades de qualificação e inclusão produtiva futura.

||| Baixa diversificação das oportunidades de trabalho

As evidências indicam que os jovens se deparam com um leque restrito de possibilidades de inclusão produtiva. De um lado, o trabalho agrícola permanece como uma alternativa relevante, especialmente em contextos marcados pela agricultura familiar, mas frequentemente é associado a baixa remuneração, elevada penosidade e perspectivas limitadas de ascensão econômica. De outro, as ocupações urbanas e não agrícolas tendem a exigir níveis mais elevados de qualificação ou simplesmente não estão disponíveis nos territórios em quantidade suficiente para absorver a demanda existente. O desafio, portanto, não se resume à ausência de trabalho, mas à escassez de alternativas consideradas viáveis, estáveis e

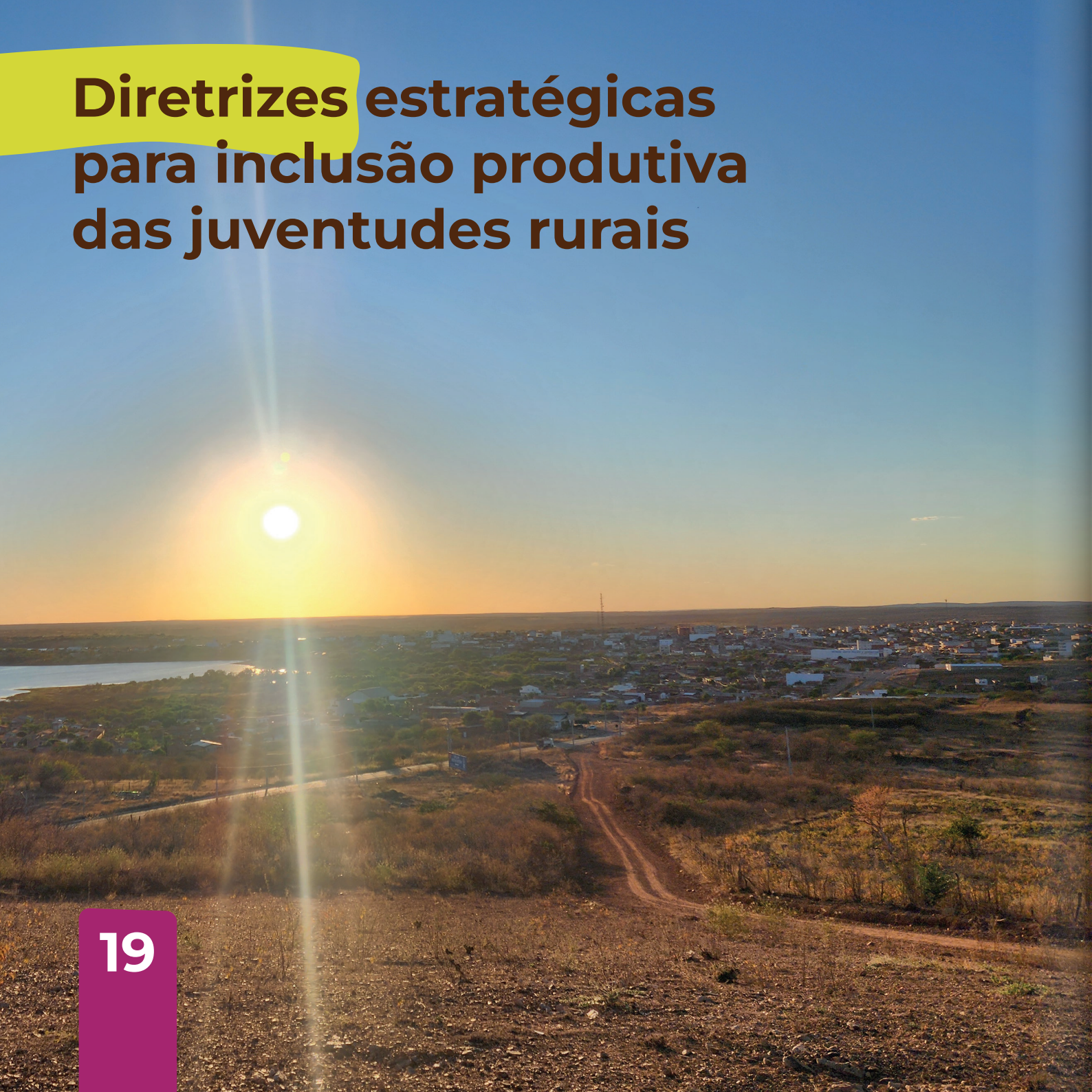
compatíveis com as aspirações das juventudes. Essa limitação é agravada pela reduzida diversificação das economias locais, que restringe os horizontes ocupacionais e concentra as oportunidades em um conjunto estreito de atividades. Como resultado, muitos jovens enfrentam dificuldades para construir trajetórias contínuas de inclusão produtiva, recorrendo a ocupações precárias, estratégias temporárias de geração de renda ou à busca de oportunidades em outros territórios.





Os bloqueios à inclusão produtiva não podem ser compreendidos apenas como resultado de condições objetivas, mas também como expressão de tensões entre aspirações e possibilidades. A ampliação do acesso à educação e a redução das distâncias materiais e simbólicas entre rural e urbano contribuíram para elevar as expectativas dos jovens, que passam a projetar trajetórias menos restritas ao contexto local.

No entanto, essas aspirações frequentemente esbarram em limites estruturais, produzindo um descompasso entre o que os jovens desejam e o que efetivamente conseguem realizar. Mais do que ausência de oportunidades, o que se observa é a presença de bloqueios múltiplos e interdependentes, que operam em diferentes níveis — educacional, territorial, produtivo e social — e que, combinados, configuram os limites à inclusão produtiva juvenil.



Diretrizes estratégicas para inclusão produtiva das juventudes rurais

Além de reposicionar as estratégias de inclusão à luz das transformações recentes é igualmente necessário considerar sua qualidade, atratividade e capacidade de oferecer perspectivas concretas de autonomia econômica, especialmente diante do crescente distanciamento em relação a ocupações associadas à agricultura de baixa rentabilidade e elevado esforço físico. Também é importante ter claro que o horizonte de expectativas dos jovens é relativamente restrito, frequentemente orientado pela busca de melhorias materiais imediatas, o que reflete menos uma ausência de ambição do que os limites impostos pelas condições estruturais dos territórios.

As políticas e ações voltadas à inclusão produtiva devem articular geração de oportunidades, formação e ampliação de

repertórios, contribuindo para que os jovens possam construir projetos de vida mais diversos, viáveis e alinhados às suas aspirações. Nesse contexto, a locomoção constitui um elemento transversal às oportunidades de inclusão produtiva das juventudes rurais, condicionando o acesso à educação, ao trabalho, aos serviços e às políticas públicas e devendo ser considerada no desenho de todas as estratégias propostas. Ao facilitar o acesso dos jovens a oportunidades distribuídas de forma desigual no território, tais ações podem ampliar significativamente suas possibilidades de qualificação, inclusão produtiva e construção de projetos de vida.

Reconhecer a diversidade territorial das oportunidades

Desenhar estratégias de inclusão produtiva sensíveis às especificidades dos territórios, considerando que as oportunidades disponíveis às juventudes rurais são condicionadas por diferentes combinações de recursos econômicos, infraestrutura, serviços, mercados de trabalho e redes institucionais. Em vez de soluções uniformes, recomenda-se a adoção de abordagens diferenciadas, capazes de responder aos desafios e potencialidades de cada contexto territorial, ampliando a efetividade das ações e sua capacidade de gerar oportunidades compatíveis com as trajetórias e aspirações juvenis.

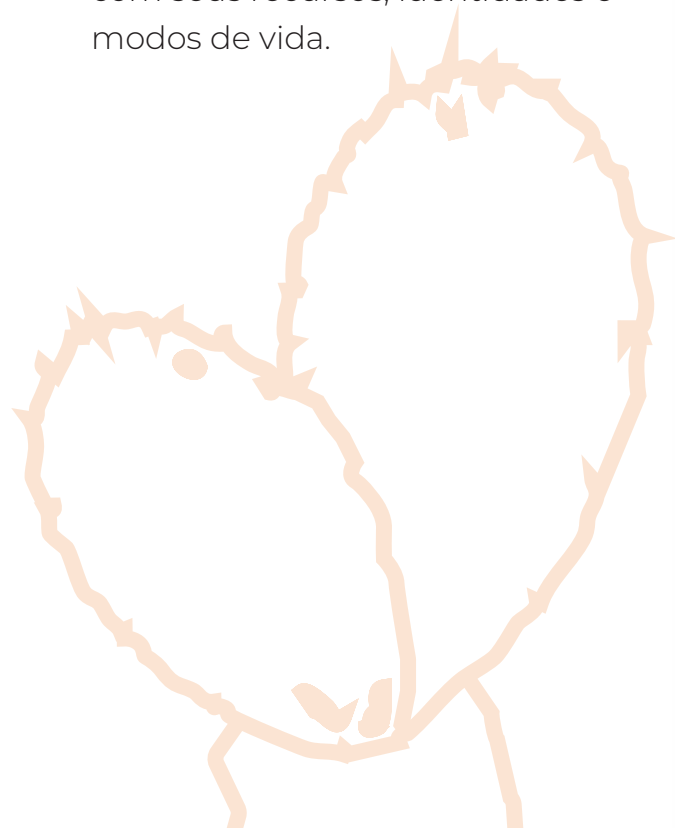
Articular educação e inclusão produtiva

Fortalecer as conexões entre educação e inclusão produtiva, reduzindo o descompasso entre os percursos formativos das juventudes rurais e as oportunidades efetivamente acessíveis nos territórios. Para isso, recomenda-se promover ações integradas entre instituições de ensino, organizações locais, iniciativa privada e poder público, combinando qualificação técnica, experiências práticas de aprendizagem, orientação profissional e mecanismos de transição entre escola e trabalho. Além de ampliar as possibilidades de inclusão produtiva, tais iniciativas podem contribuir para a construção de projetos de vida mais diversos e alinhados às transformações em curso nos territórios rurais.

Ampliar a diversificação econômica dos territórios rurais

Expandir e diversificar as oportunidades de inserção produtiva disponíveis às juventudes rurais, reduzindo a dependência de um conjunto restrito de atividades econômicas. Para isso, recomenda-se fortalecer cadeias produtivas existentes, estimular atividades complementares e apoiar iniciativas capazes de gerar novas oportunidades de trabalho e renda, tanto no meio rural quanto em setores articulados às economias locais. A diversificação econômica é fundamental para ampliar os horizontes ocupacionais dos jovens e tornar as oportunidades disponíveis mais compatíveis com seus níveis de escolaridade, expectativas e projetos de vida. A diversificação econômica pode também ser

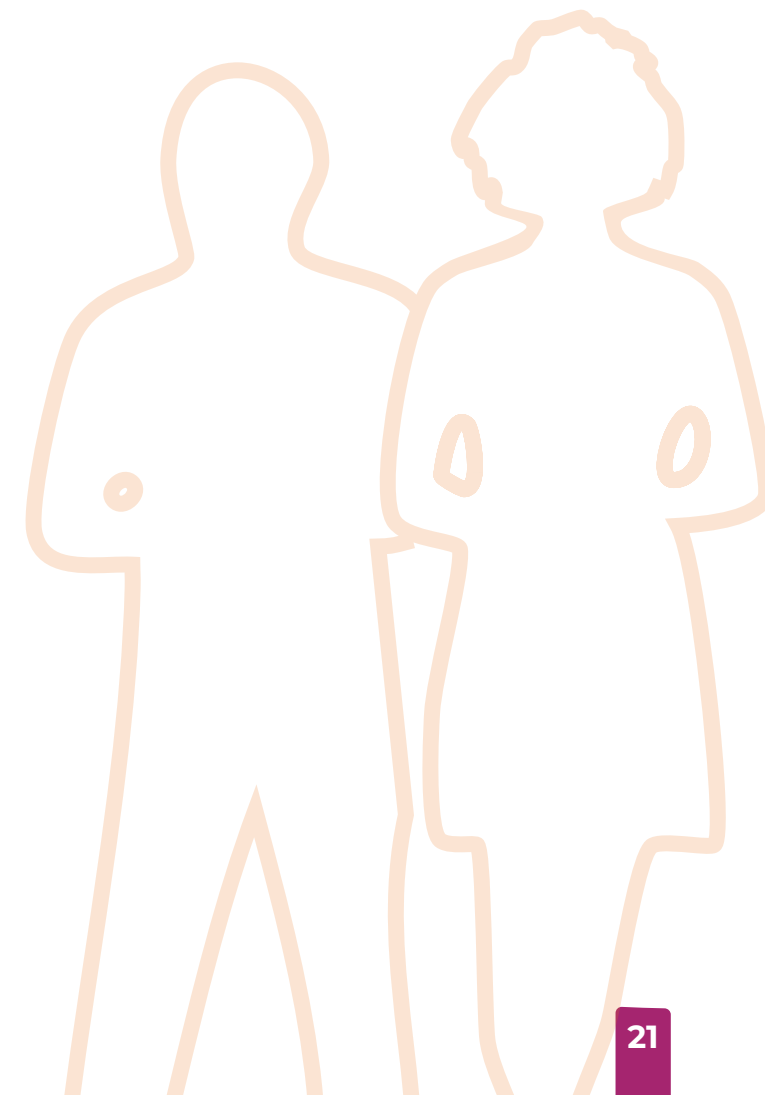
promovida por meio da valorização de ativos territoriais, incluindo produtos da agricultura familiar, saberes locais, patrimônios culturais e recursos associados à identidade de comunidades rurais e de povos e comunidades tradicionais. Ao transformar esses ativos em oportunidades econômicas, amplia-se a capacidade dos territórios de gerar formas de inclusão produtiva compatíveis com seus recursos, identidades e modos de vida.



Reduzir desigualdades de gênero nas trajetórias juvenis

Incorporar a perspectiva de gênero às estratégias de inclusão produtiva, reconhecendo que responsabilidades familiares e tarefas de cuidado afetam de forma desigual as trajetórias de jovens mulheres e homens. Recomenda-se desenvolver ações que considerem as especificidades das trajetórias femininas, especialmente os desafios associados à maternidade, à continuidade dos estudos e à conciliação entre trabalho remunerado e atividades de cuidado. Ao mesmo tempo, é fundamental promover iniciativas de sensibilização e formação voltadas aos jovens homens, estimulando uma distribuição mais equilibrada do tempo e das responsabilidades domésticas e de cuidado. Ao enfrentar as barreiras

que limitam de forma desigual as oportunidades de inserção produtiva, tais ações podem contribuir para ampliar a autonomia econômica das jovens e favorecer trajetórias mais equitativas.



Fortalecer instituições locais e o acesso às políticas públicas

Ampliar a capacidade das instituições locais de conectar as juventudes rurais às oportunidades de educação, qualificação, trabalho, crédito e proteção social. O acesso a políticas públicas e iniciativas de inclusão produtiva são frequentemente condicionados pela existência de organizações, redes e mecanismos de informação capazes de orientar e acompanhar os jovens em suas trajetórias. Nesse sentido, recomenda-se fortalecer escolas, associações comunitárias, cooperativas, organizações da sociedade civil e serviços públicos locais, bem como promover ações de orientação, busca ativa e acompanhamento que ampliem o conhecimento e o acesso às oportunidades disponíveis. Ao

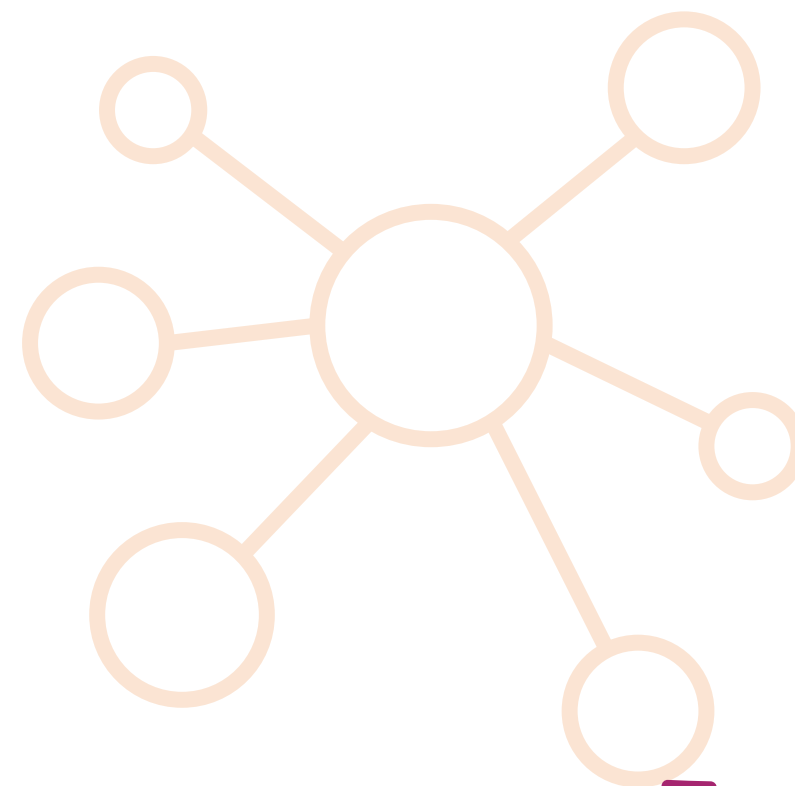
reduzir barreiras de informação e intermediação, essas iniciativas podem ampliar o alcance e a efetividade das políticas voltadas às juventudes rurais.



Conectar investimentos e grandes empreendimentos às dinâmicas locais

Criar mecanismos que aproximem grandes investimentos e empreendimentos das oportunidades de inclusão produtiva disponíveis para as juventudes dos territórios onde se inserem. As evidências encontradas indicam que a presença de obras de infraestrutura e de novos empreendimentos não se traduz automaticamente em geração de oportunidades para a população local, exigindo ações deliberadas de articulação entre empresas, instituições de ensino, organizações locais e poder público. Recomenda-se promover programas de qualificação alinhados às demandas dos empreendimentos, estratégias de contratação local, ações de informação e preparação

antecipada dos jovens e iniciativas que fortaleçam sua inserção nas cadeias produtivas associadas aos investimentos. Também é fundamental monitorar e mitigar possíveis impactos negativos sobre atividades econômicas já existentes, de modo a ampliar os benefícios locais e evitar o aprofundamento de desigualdades territoriais.



Fortalecer o protagonismo juvenil na construção das estratégias de inclusão produtiva

Promover a participação efetiva das juventudes rurais no desenho, implementação e avaliação de iniciativas voltadas à inclusão produtiva, reconhecendo os jovens como atores centrais na construção de suas próprias trajetórias. Recomenda-se ampliar mecanismos permanentes de escuta, consulta e participação que permitam incorporar suas demandas, expectativas e conhecimentos sobre os territórios. Além de ampliar a legitimidade e a aderência das ações, o envolvimento direto das juventudes contribui para o desenvolvimento de capacidades de liderança, fortalecimento de redes locais e construção de soluções mais compatíveis com a diversidade de experiências e projetos de vida existentes.



Nota metodológica

A metodologia da pesquisa combinou diferentes procedimentos e instrumentos analíticos, tendo como recorte o estado do Piauí. Os dados quantitativos foram obtidos no marco do Projeto Juventude Rural Transformadora, executado pelo Governo do Estado do Piauí em parceria com o IFPI, MDS e CEBRAP, com a aplicação de 762 questionários.

As 19 entrevistas em profundidade foram realizadas em julho de 2025 e janeiro de 2026 com o objetivo de obter informações sobre as trajetórias biográficas dos e das jovens, permitindo observar variações nas estratégias de reprodução social ao longo do tempo, mas também as mudanças contextuais que as influenciam, desvelando a tripla articulação da condição juvenil: em si, na relação com o grupo familiar e com o ambiente social que os envolve. Essas entrevistas foram realizadas no marco da parceria entre o CEBRAP e a TLSA.

Agradecimentos

A equipe agradece a todos/as os/as jovens que participaram das entrevistas e da pesquisa quantitativa. Dividir conosco suas histórias possibilitaram conhecer trajetórias diversas que permitiram evidenciar tendências presentes num mundo rural em transformação e, assim, pensar ações e estratégias que atendam suas expectativas e projetos de futuro.



Referências bibliográficas

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. 2005. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005

FAVARETO, Ariane; VALENCIA, Mireya e FAVARETO, Arilson. Juventudes rurais: o que diz a literatura e algumas questões para uma agenda de pesquisas e de políticas. Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas, 44(2), 2024, pp. 242–263. <https://doi.org/10.37370/raizes.2024.v44.891>

Expediente

Autoria: Cátedra de Inclusão Produtiva Rural (Cebrap Sustentabilidade); Mireya Valencia; Júlia Mariano; Arilson Favareto; Carolina Galvanese; Ariane da Silva Favareto.

Comitê de Acompanhamento do Projeto: Alessandra Steinbruch Chernizon (CSN Inova); Andre Isnard Leonardi (Fundação CSN); Christiane Vila Nova Camargo (CSN Inova); Daniela Moreira Escalera (CSN Inova); Edmundo Rodrigues de Brito (TLSA); Fabio Silvestre da Silva (Fundação CSN); Juliana Santos Bandeira (TLSA).

Projeto gráfico e diagramação: Rogério Ferreira Sonsine.

Fotografia: Christiane Vila Nova Camargo; Daniela Moreira Escalera; Vitoria Ribeiro de Martino.



Realização



Coordenação Técnica



Parceiro Técnico Implementador



Parceria

SECRETARIA
DA **EDUCAÇÃO** - SEDUC

SECRETARIA
DA **AGRICULTURA**
FAMILIAR - SAF

